

Título original: *Ember Queen*

Copyright © 2020 por Laura Sebastian
Copyright dos mapas © 2018, 2019, 2020 por Isaac Stewart
Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Raquel Zampil

preparo de originais: Luara França

revisão: Carolina M. Leocadio e Natália Klussmann

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Alison Impey

imagem de capa: Billelis

adaptação de capa: Miriam Lerner | Equatorium Design

foto da autora: © Dan Wright Photography

e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S449r

Sebastian, Laura

Rainha das chamas [recurso eletrônico] / Laura Sebastian; ilustração de Isaac Stewart; tradução de Raquel Zampil. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2021.
recurso digital (Princesa das cinzas; 3)

Tradução de: Ember queen

Sequência de: Dama da névoa

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-112-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Stewart, Isaac. II. Zampil, Raquel. III. Título. IV. Série.

21-69269

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

SUMÁRIO

Prólogo

Dedução

Impasse

Embate

Contenda

Devaneio

Alarme

Desmantelo

Espião

Semente

Teoria

Partida

Acreditar

Maile

Água

Ataque

Brigitta

Armadilha
Tormenta
Ilusão
Tratado
Aliança
Visão
Feridas
Paz
Livres
Disputa
Vivos
Fantasma
Prova
Floresta
Quinta
Ovelgan
Rigga
Resultado
Confiança
Jornada

Luto

Fumaça

Inferno

Escuro

Adeus

Misericórdia

Preparados

Dragonsbane

Wás

Lar

Prontos

Caverna

Invasão

Combate

Resolver

Jogo

Escolha

Torpor

Dignidade

Triunfo

Epílogo

Agradecimentos

PARA TODAS AS GAROTAS
*que nunca se sentiram fortes o bastante
para ser a heroína de sua própria história.
Vocês são fortes.*

PRÓLOGO



PASSEI GRANDE PARTE DOS SEIS PRIMEIROS anos da minha vida morrendo de medo do trono da minha mãe, da mesma forma que a maioria das crianças tem medo de monstros que espreitam debaixo da cama. Ficava aterrorizada de olhar para ele: alto, de um preto sombrio, com extremidades pontiagudas, esculpidas à semelhança de chamas escuras. Eu me lembro da certeza que eu tinha de que, se o tocasse, queimaria a mão.

Todos os dias eu via minha mãe se sentar naquele trono e acreditava que ele a segurava ali, que os dedos do trono, feitos de obsidiana, se cravavam na pele dela. Eu via quando ele a transformava em outra pessoa, alguém que eu não reconhecia. A mulher que ocupava o centro do meu mundo desaparecia, a mãe de fala suave que beijava minha testa e me pegava no colo, que todas as noites cantava para que eu dormisse. No trono, uma estranha assumia o controle de seu corpo – sua voz trovejava, suas costas se mantinham totalmente eretas. Ela falava com ponderação e autoridade, sem o menor vestígio de sorriso na voz. Quando o trono finalmente a libertava, ela estava exausta.

Agora que cresci, sei que o trono não era o monstro que eu acreditava que fosse. Sei que ele não tinha um controle físico sobre a minha mãe. Sei que, quando ela se sentava nele, ainda era ela. Mas também compreendo que, de certa forma, eu estava certa. Sentada ali, ela não era exatamente a mesma pessoa.

Em geral, minha mãe era apenas minha. Sentada naquele trono, ela pertencia a todo mundo.

DEDUÇÃO



O SOL ME CEGA QUANDO, COM AS pernas fracas, saio pela boca da caverna. Ergo um braço pesado e dolorido para proteger os olhos, mas o esforço para executar até mesmo esse pequeno gesto faz o mundo à minha volta girar. Meus joelhos fraquejam e o chão vem ao meu encontro, com a dureza e aspereza das pedras. Dói, mas, ah, é tão bom me deitar, ter ar fresco nos pulmões, ver a *luz*, ainda que isso tudo de uma só vez seja demais.

Minha garganta está tão seca que respirar machuca. Há sangue coagulado em meus dedos, nos meus braços e nos cabelos.

Vagamente percebo que é meu, mas não sei de onde veio. Minhas lembranças são um deserto: me lembro de entrar na caverna, de ouvir as vozes dos meus amigos me implorando que voltasse. E então... nada.

– Theo – chama uma voz, familiar, mas muito distante.

O som de mil passos ressoa no chão, fazendo minha cabeça latejar. Eu estremeço, tentando fugir do som, me encolhendo ainda mais.

Mãos tocam minha pele – meus pulsos, um ponto atrás da minha orelha. Elas são tão frias que fazem com que eu me arrepie.

– Ela está... – diz uma voz.

Blaise. Tento dizer seu nome, mas nada sai da minha boca.

– Ela está viva, mas o pulso está fraco e a pele, quente – afirma outra voz. Heron. – Temos que levar Theo para dentro.

Braços me erguem e me carregam; de Heron, acho. Mais uma vez, tento falar, mas não consigo emitir som algum.

– Art, seu manto – diz Heron, o peito retumbando contra o meu rosto a cada palavra. – Cubra a cabeça dela. Os olhos dela estão

supersensíveis.

– É, eu lembro – fala Art.

Ouçó o farfalhar de um tecido e o manto dela cai sobre meus olhos, envolvendo meu mundo novamente em escuridão.

Agora eu me permito mergulhar nela. Meus amigos estão comigo, então estou segura.

• • •

Quando torno a abrir os olhos, eu me vejo em um catre no interior de uma tenda. O sol ofuscante, filtrado pelo espesso algodão branco, agora é suportável. Minha cabeça ainda lateja, mas é uma sensação insípida e distante. Minha garganta não está mais seca e dolorida e, se me concentro, tenho uma lembrança imprecisa de Artemisia despejando água em minha boca aberta. O travesseiro sob minha cabeça ainda está úmido no ponto onde ela errou o alvo e a água escorreu.

Agora, porém, estou sozinha.

Eu me obrigo a me sentar, embora o movimento intensifique a dor que se irradia por todos os meus nervos. Os kalovaxianos retornarão mais cedo ou mais tarde, e quem sabe por quanto tempo Cress vai manter Søren vivo? Há tanto a ser feito e praticamente não temos tempo.

Pondo os pés descalços no chão de terra, eu me levanto com esforço. Nisso, a aba da tenda se abre e Heron entra, dobrando o corpo alto a fim de passar pela pequena abertura. Quando me vê acordada e de pé, ele vacila, piscando algumas vezes para ter certeza de que não está imaginando coisas.

– Theo – diz ele devagar, experimentando o som do meu nome.

– Faz quanto tempo? – pergunto baixinho. – Desde que entrei na mina?

Heron me examina por um momento e responde:

– Duas semanas.

As palavras me lançam para trás e eu torno a me sentar no catre.

– Duas semanas – repito. – Pareciam horas, no máximo um ou dois dias.

Heron não parece surpreso com essa informação. Por que ficaria? Ele

passou pela mesma experiência.

– Você se lembra de dormir? – pergunta ele. – Comer? Beber? Deve ter feito isso em algum momento, caso contrário seu estado seria bem pior.

Balanço a cabeça, tentando agarrar as lembranças, mas muito pouco se consolida o suficiente para que eu capture. Retalhos, pequenos detalhes, fantasmas que podem não ter sido reais, fogo correndo em minhas veias. Nada mais do que isso.

– Vocês deviam ter me deixado – digo a ele. – Duas semanas... O exército de Cress pode voltar a qualquer momento, e Søren...

– Está vivo, segundo relatos – interrompe Heron. – E os kalovaxianos não receberam nenhuma ordem para voltar aqui.

Eu o encaro.

– Como você pode saber disso? – pergunto.

– Espiões – diz, como se a resposta devesse ser óbvia.

– Não temos espiões – replico, devagar.

– Não *tínhamos* espiões. Mas soubemos que o novo theyn estava em sua terra natal, a dois dias daqui. Conseguimos converter vários de seus escravos antes de eles retornarem à capital. Acabamos de receber nossa primeira mensagem. O theyn ainda não ordenou que as tropas voltassem para cá. Além disso, a maioria do exército debandou. Agora somos apenas Blaise, Artemisia, Erik, Dragonsbane e eu, mais um grupo daqueles que ainda estão se recuperando da batalha. Mas mesmo eles vão partir com Dragonsbane para um local seguro em um ou dois dias.

Eu mal o ouço, ainda tentando conceber a ideia de espiões. Só consigo pensar em Elpis, no que aconteceu da última vez que fiz alguém de espião.

– Eu não aprovei o uso de espiões – digo a ele.

– Você entrou na mina no dia em que o plano foi elaborado – retruca Heron, sem alterar a voz. – Você não estava presente para aprovar nada, e não tínhamos tempo para esperar o seu retorno. Se é que haveria um retorno.

Uma resposta morre em minha garganta e eu a engulo.

– Se eles morrerem...

– Terá sido um risco necessário – diz Heron. – Eles sabiam que esse era um risco quando se apresentaram como voluntários. Além disso, a

kaiserin não é tão paranoica quanto o kaiser, pelo que ouvimos dizer. Ela acha que você está morta, acha que não somos uma ameaça, e ela tem Søren. Acredita que venceu, então está ficando negligente.

A kaiserin. Haverá um dia em que, ao ouvir esse título, eu pense primeiro em Cress e não na kaiserin Anke?

– Você disse que o exército foi embora. Para onde?

Heron deixa escapar um longo suspiro antes de me responder:

– Você perdeu muitas brigas enquanto esteve ausente... Eu quase sinto inveja de você. O chefe vecturiano enviou a filha, Maile, para nos ajudar, junto com suas tropas. Sem Søren, ela e Erik são os que mais têm experiência em batalhas, mas eles não concordam em nada. Erik quer marchar direto para a capital para tomar a cidade e resgatar Søren.

– Isso é tolice – digo, balançando a cabeça. – É exatamente o que eles esperariam e, mesmo que não fosse, não temos contingente para esse tipo de cerco.

– Foi exatamente o que Maile disse – observa Heron, repetindo meu gesto. – Ela falou que devíamos continuar e seguir para a mina da Terra.

– Mas não podemos fazer isso sem passar pelas cidades mais populosas, e aí não vamos contar nem mesmo com a cobertura de florestas ou montanhas. Vai ser impossível não sermos descobertos, e então Cress terá um exército à espera para nos receber na mina da Terra.

– Que é exatamente o que Erik disse. Está vendo, você está atualizada.

– Então quem venceu? – pergunto.

– Ninguém. Ficou decidido que vamos mandar as tropas para as cidades ao longo do rio Savria. Nenhuma delas é densamente povoada, mas conseguiremos conter os kalovaxianos, libertar seus escravos, aumentar nossas fileiras e reunir tanto armas quanto comida. E, o mais importante, nossas tropas não ficarão aqui esperando, como alvos fáceis.

– Que é o que somos no momento – replico, esfregando as têmporas. A dor de cabeça que começa a se instalar nada tem a ver com a mina dessa vez. – E agora estou aqui para desempatar, suponho.

– Mais tarde. Assim que você puder caminhar sozinha de verdade.

– Eu estou bem – declaro, em um tom mais enérgico do que o necessário.

Heron me observa com cautela. Ele abre a boca, mas logo torna a fechá-la, balançando a cabeça.

– Se você está pensando em perguntar alguma coisa sobre as minas, não me lembro de absolutamente nada – digo de imediato. – A última coisa que me lembro é de entrar... Depois disso, tudo é só um borrão.

– Você vai se lembrar com o tempo – afirma ele. – Para o bem ou para o mal. Mas eu nunca tenho vontade de falar da minha experiência. Imaginei que você sentiria o mesmo.

Engulo em seco, afastando o pensamento. Um problema para outro dia. No momento, já tenho problemas demais diante de mim.

– Mas tem alguma coisa incomodando você – digo a Heron. – O que é?

Ele pesa a pergunta na mente por um instante.

– Funcionou?

Por um segundo, não sei a que ele se refere, mas de repente me lembro: a razão por que entrei nas minas, o leve poder que eu tinha sobre o fogo antes, efeito colateral do veneno de Cress. Entrei naquela mina para reivindicar meu poder, na esperança de que ele seja suficiente para enfrentar Cress quando chegar a hora.

Se funcionou? Só tem um modo de saber.

Levanto a mão esquerda, com a palma voltada para cima, e invoco o fogo. Mesmo antes de desdobrar os dedos, sinto o calor vibrando debaixo deles, mais forte do que jamais senti. Ele vem facilmente quando o chamo, como se fosse parte de mim, à espreita logo abaixo da superfície. Não só está mais brilhante, mais quente: é mais do que isso. Para mostrar a Heron, eu o lanço no ar, mantenho-o ali, suspenso, porém ainda vivo, ainda fulgurante. Os olhos de Heron se arregalam, mas ele não fala nada enquanto ergo a mão e a flexiono. A bola de fogo me imita, adquirindo ela mesma o formato de mão. Quando mexo os dedos, ela acompanha cada movimento. Fecho a mão e ela faz o mesmo.

– Theo – diz ele, a voz, um sussurro rouco. – Eu vi a extensão do poder de Ampelio quando ele me treinou. Ele não sabia fazer isso.

Engulo em seco e me aposso da chama outra vez, apagando-a em minha mão e transformando-a em cinzas.

– Se você não se importa, Heron – respondo, meu olhar fixo nos pigmentos escuros que mancham minha pele exatamente como a coroa de cinzas fazia –, Mina ainda está aqui? Ela é...

– A curandeira – completa ele, assentindo. – Sim, ela ainda está aqui.

Está ajudando com os feridos. Vou buscá-la.

Quando ele sai, limpo as cinzas das mãos e deixo-as cair no chão de terra.

• • •

Quando Mina entra na tenda, já estou mais acostumada a ficar de pé, embora eu sinta como se meu corpo não fosse meu por completo. Cada movimento, cada respiração, parece um esforço, e faz todos os músculos doerem. Mina deve perceber, porque ela dá uma olhada em mim e abre um sorriso de cumplicidade.

– É normal – diz ela. – Quando saí da mina, as sacerdotisas explicaram que os deuses haviam me quebrado e me refeito. Isso resumia bem como eu estava me sentindo.

Faço que sim com a cabeça, voltando a me sentar no catre.

– Quanto tempo dura? – pergunto.

Mina dá de ombros.

– Minha dor durou poucos dias, mas varia. – Ela faz uma pausa, correndo os olhos por mim. – O que você fez foi uma tolice inacreditável. Entrar na mina quando você já possuía um grau de poder... quando já era um recipiente meio cheio... Você estava pedindo pela loucura das minas. Tem consciência disso, não tem?

Olho para o chão. Faz algum tempo que não sou censurada assim por alguém preocupado com meu bem-estar. Vasculho a mente em busca da última pessoa; pode muito bem ter sido minha mãe. Talvez Hoa também tenha feito isso, à sua maneira sem palavras.

– Eu conhecia os riscos – respondo.

– Você é a rainha de Astrea – continua ela, como se eu não tivesse falado nada. – O que faríamos sem você?

– Vocês teriam persistido – replico, dessa vez mais alto. – Eu sou uma pessoa só. Perdemos muito mais na guerra, muito mais no próprio cerco de Astrea, inclusive minha mãe. Sempre persistimos. Eu não teria feito diferença.

Mina me encara com calma.

– Ainda assim foi tolice – insiste. – Mas suponho que também foi

coragem.

Dou de ombros novamente e digo:

– O que quer que tenha sido, funcionou.

Mostro a ela o mesmo que mostrei a Heron, como agora posso não só invocar o fogo, mas também torná-lo uma extensão de mim mesma. Mina me observa o tempo todo com os lábios contraídos, sem dizer nada até eu ter terminado e mais uma vez lançar as cinzas no chão.

– E você dormiu – diz ela, mais para si mesma do que para mim.

– Profundamente, até onde sei – completo, em tom seco.

Ela dá um passo em minha direção.

– Posso tocar sua testa? – pergunta.

Faço que sim com a cabeça e ela pressiona as costas da mão em minha testa.

– Você não está quente – constata antes de estender a mão e tocar a mecha branca em meus cabelos castanho-avermelhados.

– Já estava aí – digo a ela. – Após o veneno.

Ela assente.

– Eu me lembro. É diferente do cabelo da kaiserin, não é? Creio que você deva agradecer a Artemisia... Se ela não tivesse usado logo o próprio dom em você para anular o veneno, você teria sido muito mais afetada. Se não a tivesse matado de imediato, a mina certamente teria.

– Você não viu Cress, a kaiserin, pessoalmente – digo, mudando de assunto. – Mas a essa altura deve ter ouvido histórias sobre seu poder.

Mina considera minhas palavras.

– Ouvi histórias – responde com cautela. – Embora eu ache que histórias sempre exageram.

Eu me lembro de Cress matando o kaiser apenas com as mãos escaldantes em torno de seu pescoço, o caminho de cinzas que ela deixou sobre a mesa com a ponta dos dedos. Ela irradiava poder de uma forma que eu nunca vi igual. Vi com meus próprios olhos. Não sei se alguém poderia exagerar isso.

– É como se... ela nem tivesse que invocar o seu dom. Ela matou o kaiser em poucos segundos, apenas com as mãos.

– E você ainda não se sente forte o suficiente para enfrentá-la – adivinha Mina.

– Não acho que exista alguém que seja. Você já ouviu falar em

Guardiões matando com toda essa facilidade?

Ela balança a cabeça.

– Nunca ouvi absolutamente nada sobre Guardiões matando. Não era esse o modo de agir. Se os crimes justificassem a execução, a pessoa era executada por meios mais mundanos. Os Guardiões nunca matavam com os dons concedidos a eles pelos deuses. Seria uma espécie de sacrilégio, uma perversão de algo sagrado.

Penso em Blaise indo para o campo de batalha, sabendo que poderia morrer, mas determinado a matar tantos kalovaxianos quanto possível antes. Seria isso uma perversão de seu dom? Ou existem regras diferentes agora, em tempos de guerra?

– As crianças que vi antes, as que você estava testando... – digo, lembrando-me do garoto e da garota com o mesmo poder instável de Blaise. – Como elas estão?

– Laius e Griselda – responde ela. – Eles estão bem, na medida do possível, suponho. Assustados e traumatizados com os experimentos medonhos que os kalovaxianos fizeram com eles. Mas os dois são fortes, não só na luta.

Ela faz uma pausa por um segundo antes de continuar:

– Seu amigo hipotético foi muito útil. Eles gostam dele, por mais reservado que seja. É muito importante descobrir que você não está tão sozinho no mundo quanto imaginou.

Quando contei a Mina sobre Blaise, eu me referi a ele apenas de modo hipotético, embora ela tenha entendido logo. Agora, ao que parece, ela sabe exatamente quem ele é. No entanto, não tem medo dele, tampouco de Laius e Griselda.

– Você contou para mais alguém sobre o que descobriu? – pergunto a ela, que cerra os lábios.

– Não descobri nada, Vossa Majestade – responde ela, dando de ombros. – É só uma hipótese, e isso não é motivo suficiente para deixar todo mundo em polvorosa. As pessoas têm medo do que não compreendem e, em tempos como estes, o medo pode levar a decisões perigosas.

Se as pessoas soubessem quanto Blaise, Laius e Griselda são fortes e instáveis, poderiam matar os três. Isso não é novidade para mim, mas ouvir essa insinuação me tira o ar.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

PARTIDA



ABANDONAMOS O ACAMPAMENTO QUANDO O SOL se põe sobre o mar Calodeano, nosso grupo de guerreiros serpenteando ao longo da cordilheira Dalzia, alguns a pé, outros a cavalo.

Dragonsbane não é uma pessoa afeita a despedidas. Quando Art e eu fomos procurá-la antes de partir, ela já tinha ido embora, levando uma parte considerável de sua tripulação, junto com Sandrin e os refugiados que não podem ou não querem lutar. Embora eu não ache que qualquer de nós esteja surpresa, posso ver o desapontamento nos olhos de Art.

– Não era um adeus desta vez, não mesmo – lembro a ela. – Nós a veremos outra vez em breve, depois que ela tomar a mina da Terra.

Artemisia assente, mas sua expressão permanece reservada e é só quando estamos a caminho que me dou conta do porquê: ela de fato não sabe se vai ver a mãe outra vez. Nenhum de nós sabe. Isto é uma guerra. Um milhão de coisas pode acontecer antes que ela termine e só os deuses podem ter certeza de como terminará.

Só paramos para passar a noite quando a lua cheia está alta no céu. Embora a ideia de parar faça minha pele comichar e a mente turbilhonar com a possibilidade de sermos apanhados, sei que não podemos ir muito mais adiante sem pelo menos algumas horas de descanso.

Minha pequena tenda tem espaço suficiente apenas para um saco de dormir, duas almofadas para sentar e uma bandeja de laca vermelha, que deve ter sido apanhada na caserna do comandante. A tenda tem o tamanho certo para dormir e comer, embora eu não consiga fazer nenhuma das duas coisas. O biscoito duro e seco que serviu de jantar permanece intocado na bandeja e o saco de dormir ainda nem foi